

Índice

- 9 **Introdução**
- 9 O que é a educação?
- 10 O que é a pedagogia?
- 10 Os fracassos da pedagogia tradicional
- 10 Como nasceram as escolas alternativas?
- 12 As pedagogias alternativas: pedagogias do futuro?
- 12 Os professores do ensino público divulgam as pedagogias alternativas

- 17 **Capítulo 1**
Os principais pedagogos dos métodos ativos
- 19 Maria Montessori
- 27 Célestin Freinet
- 33 Rudolf Steiner
- 41 Ovide Decroly
- 45 Roger Cousinet

- 47 **Capítulo 2**
Neurociências e educação
- 50 O que é uma emoção?
- 57 A necessidade de benevolência
- 58 O que se passa no cérebro da criança?
- 58 O papel prejudicial do stresse
- 59 O conhecimento das ciências cognitivas melhora a aprendizagem das crianças com dificuldades
- 60 Soluções para reduzir o stresse da criança de tenra idade

64 A inteligência emocional, ou como aprender a aceitar as suas emoções

66 Reduccionistas, as neurociências?

71 **Capítulo 3**

As pedagogias alternativas: verdadeiramente diferentes

83 A ausência de notas

83 O direito ao erro

86 Abaixo a passividade!

86 A personalização do ensino

87 O papel primordial dos pais

88 As pedagogias ativas são adaptadas às crianças em dificuldades?

93 **Capítulo 4**

Limites das pedagogias alternativas?

95 Como saber se uma criança está adaptada a uma pedagogia alternativa?

95 Como saber o nível escolar da criança?

99 Como decorre a transição entre um ensino alternativo e um ensino clássico?

99 O preço das escolas: um obstáculo?

103 **Capítulo 5**

O ensino em família

106 E quanto à socialização?

106 Como se submeter a exames?

109 Bibliografia e referências

111 Agradecimentos

Introdução

Contrariamente à crença popular, Carlos Magno não inventou a escola, que existia desde a Antiguidade. No entanto, deu-lhe toda a sua importância, criando escolas que reuniam crianças provenientes da nobreza e de meios humildes.

Em 1882, Jules Ferry impõe a escola obrigatória e laica. Foi assim que nasceu a escola moderna. O objetivo era lutar contra o trabalho infantil, mas também formar as crianças no sentido de responderem às novas necessidades da Revolução Industrial, ou seja, ler, escrever e contar.

A ginástica — mais tarde designada por «educação física» — foi, de facto, desenvolvida e encorajada no sentido de se dispor de uma mão de obra em forma, cheia de saúde e, portanto, mais rendível.

Estas leis aparentemente humanistas e florescentes não eram, na verdade, mais do que pretextos para responder à necessidade de rendimento e de produtividade.

O que é a educação?

Segundo o filósofo Olivier Rebourl, na sua obra *A Filosofia da Educação*, a educação «é o conjunto dos processos e métodos que permitem a qualquer criança humana aceder progressivamente à cultura, sendo o acesso à cultura aquilo que distingue o ser humano do animal».

O que é a pedagogia?

A pedagogia é a ciência da transmissão do saber ou a arte de ensinar.

Embora cada professor tenha o seu próprio método pedagógico, inscreve-se na maior parte das vezes num dos dois principais tipos de pedagogia: a pedagogia ativa e a pedagogia diretiva ou tradicional.

A pedagogia ativa incita os alunos a participarem concretamente na construção do seu saber. Sem aulas magistrais, sem passividade por parte do aluno... Antes num intuito de participação, de partilha e de escuta mútua. Na pedagogia ativa, predomina a alternância de pequenas exposições por parte do professor, de uma grande componente de expressão oral, de trabalho individual ou em grupo, de pesquisa... A autonomia é a palavra central deste modo de ensino.

Quanto à pedagogia diretiva, não permite tanta participação por parte dos alunos. O decorar, o aceitar das regras e o respeitar a autoridade representam linhas mestras. É esta forma de ensinar que na maior parte das vezes se aplica nas escolas de todo o mundo, nos dias de hoje.

Os fracassos da pedagogia tradicional

Os tempos mudaram, e o sistema de ensino também. França já não tem um dos melhores sistemas educativos do mundo há décadas, sobretudo há cerca de quinze anos. Verifica-se uma degradação do nível de vida dos alunos, e a escola, destinada a corrigir as desigualdades, agrava-as. Ritmos escolares inadaptados, sistema de avaliação prejudicial para os alunos, formações em pedagogia insuficientes para os professores, problemas de disciplina, criatividade ignorada...

Como nasceram as escolas alternativas?

Em 1762, Jean-Jacques Rousseau publica a sua famosa obra *Emílio, ou Da Educação*, na qual preconiza o desenvolvimento das qualidades próprias de cada criança e o facto de a experiência e as relações com os outros e com o mundo que a rodeia serem muito mais

determinantes na aquisição do saber do que os livros ou as teorias inculcadas por um professor. Inspiradas por estes princípios, nasceram as primeiras escolas alternativas um século mais tarde.

No fim do século XIX e no início do século XX, ouvem-se, de facto, críticas à educação tradicional. Os seus detratores desejam que a pedagogia evolua. Há três séculos que se verificam poucos avanços. Ilustres pedagogos reúnem-se então no seio do Movimento da Educação Nova, por vezes em períodos diferentes, não sendo todos da mesma geração: Rudolf Steiner, Édouard Séguin, Roger Cousinet, John Dewey, Célestin Freinet, Ovide Decroly ou Maria Montessori, todos põem a criança no centro da educação e deste projeto.

As novas pedagogias privilegiam a natureza, a ciência ou a filosofia. A abordagem é com frequência global e não segmentada por diferentes disciplinas. A visão da educação, cujo objetivo é reunir o máximo de conhecimentos de modo a terminar o programa escolar, é banida: «Os alunos foram habituados a que se lhes inculcam, à força, coisas que não lhes interessam», relata Janine Filloux em *Du contrat pédagogique*. E, como explica Michel Lobrot (no livro *Pédagogie institutionnelle, l'école vers l'autogestion*), a escola «não consegue criar o gosto e o desejo pelo saber, ou seja, a propensão psicológica profunda para a pesquisa e para o conhecimento».

Por conseguinte, a aprendizagem, nas escolas alternativas, constrói-se em torno da observação, da manipulação e da experimentação no âmbito de ações ou de projetos que o aluno tem de realizar. O lado social e democrático é primordial. A cooperação, a ajuda mútua e a aprendizagem coletiva são recomendadas. Há muito menos autoritarismo nestes estabelecimentos, e a criança participa ativamente na vida e na organização da escola.

Estas escolas alternativas foram principalmente criadas para crianças do ensino pré-escolar e primeiro ciclo. Com efeito, a aprovação nas provas finais realizadas no 3.º ciclo e nos exames do ensino secundário exige a memorização de uma grande quantidade de conhecimentos, o que não corresponde bem às pedagogias ativas. Estas estão mais adaptadas à aprendizagem da leitura e do cálculo do que ao estudo de muitas disciplinas que exijam uma memorização considerável. Contudo, estas escolas souberam, com o tempo, evoluir e criar turmas no ensino secundário.

Infelizmente, os estudos sobre as vantagens ou fragilidades destas pedagogias são raros ou mesmo inexistentes. Como veremos adiante, existem ainda assim alguns que procuram saber se as pedagogias alternativas são benéficas e eficazes para as crianças. Os principais resultados mostram verdadeiros benefícios para os alunos e taxas de êxito nos exames equivalentes ou mesmo superiores às do ensino clássico. Constatou-se, assim, que as crianças que saem destas escolas têm mais amor-próprio, dão mostras de maior criatividade e autonomia e sentem um verdadeiro prazer em frequentar as aulas. O inquérito PISA mostra que a implementação de uma pedagogia sem competição apresenta melhores resultados.

As pedagogias alternativas: pedagogias do futuro?

Muitos pensam que o sistema de ensino se encontra atualmente obsoleto. Para os especialistas em educação, não se trata, de modo algum, dos programas, mas da forma como estes são ensinados. A escola atual foi pensada com base em ideias, em tradições. O contributo das neurociências, hoje em dia, está a mudar os dados (ver capítulo 2).

Entre os especialistas da Cimeira Mundial para a Inovação na Educação, 80%, juntamente com Kenneth Robinson, grande especialista em ciências da educação, estimam que até 2030 os programas tenham desaparecido, que deixará de haver ensino no sentido rigoroso, mas facilitadores de aprendizagem que ajudarão as crianças a alcançarem os seus objetivos.

Os professores do ensino público divulgam as pedagogias alternativas

Segundo um estudo da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE), *Convicção e Práticas Pedagógicas**, publicado em 2015, a grande maioria dos professores

* www.oecd.org/fr/edu/scolaire/TIF-13-Convictions-et-pratiques-pedagogiques.pdf.

está interessada nas pedagogias alternativas e gostaria de as pôr em prática na sala de aula.

O inquérito Talis (o primeiro inquérito internacional que se interessa pelos contextos de ensino e de aprendizagem nos estabelecimentos de ensino) mostra que os professores aderem «a uma visão construtivista da pedagogia: encaram a aprendizagem como um processo ativo que visa favorecer uma reflexão crítica e autónoma». Entre eles, 94% consideram que o seu papel é ajudar os alunos a serem autónomos na sua aprendizagem, 93% que é desejável ensinar os alunos a pensarem sozinhos e a resolverem exercícios e problemas antes de se lhes mostrar o caminho para lá chegar, 83% que a reflexão e o raciocínio são claramente mais importantes do que apenas o conteúdo de sala de aula, e 82% consideram que os alunos aprendem melhor quando conseguem resolver os problemas sozinhos.

Contudo, há poucos professores a escolher as pedagogias alternativas, afirmando «recorrer com mais frequência a práticas pedagógicas passivas». Menos de um professor em dois promove com frequência que os alunos trabalhem em pequeno grupo para resolverem em conjunto um exercício. No entanto, os professores das escolas consideram que, para favorecer uma reflexão autónoma e crítica, a aprendizagem deve ser ativa.

A OCDE assinala que:

- > a utilização de uma pedagogia ativa está ligada a um clima positivo na turma e a um número mais considerável de bons alunos; «pelo contrário, os professores que referem ter turmas com uma forte percentagem de alunos com problemas de comportamento ou necessidades educativas especiais tendem a fazer um uso menos frequente destas práticas»;
- > os professores mais propensos a implementar pedagogias alternativas são aqueles «que participaram em atividades de pesquisa individual ou de grupo sobre um tema relacionado com a sua profissão ou que são membros de uma rede profissional de professores».



↳ TESTEMUNHO ↵

Troquei o ensino nacional por uma escola alternativa

Antiga professora de Francês hoje reformada, Nicole trabalhou durante 28 anos no ensino nacional clássico para ingressar, em fim de carreira, numa escola Freinet. Porquê esta decisão?

«Estava desesperada por ter de dar aulas a alunos passivos, pouco motivados, que só pensavam numa coisa: ter boas notas e sair-se bem nos exames sem tentar aprofundar o seu pensamento e a sua reflexão», explica Nicole.


«Por sempre me ter interessado pelas pedagogias e pelas técnicas que envolvessem uma forte garantia de êxito, apercebi-me de que as escolas alternativas ofereciam todas estas ferramentas. Falei então no assunto à minha direção para tentar fazer que os meus alunos trabalhassem em pequeno grupo, abri-los a outras formas de literatura e de atividade, mais do que concentrarem-se no sacrossanto programa, a terminar a tempo e horas. A resposta foi taxativamente negativa. Decidi portanto fazer uma formação numa escola Freinet e comecei logo depois a dar aulas.»

Depois desta emancipação do ensino nacional, Nicole afirma ter-se sentido reviver. «Foi o fim aos espartilhos impostos! E o sim às experiências de todo o tipo!!! Pude finalmente pôr os meus alunos a trabalhar como desejava, em pequeno grupo, para que realizassem pesquisas aprofundadas com autores, textos e artigos que não se encontram ao acaso e que não são apresentados de forma grosseira na Internet, mas em obras, revistas de grande qualidade, enciclopédias dignas desse nome.










TESTEMUNHO



Os meus alunos estavam encantados. Podia deixá-los trabalhar sem a minha ajuda. Eu era apenas alguém que os acompanhava e ajudava a corrigirem os seus erros, se fosse o caso. Ensinar a ensinar, a pensar, a ser autónomo, a seleccionar entre diferentes fontes de informação foi, tanto para eles como para mim, apaixonante!»



E Nicole continua: «Os meus alunos criaram a sua própria revista, organizámos apresentações de notícias sobre temas escolhidos por eles, foi realmente formidável! E, para aqueles que pensam que podem surgir problemas na realização de exames nacionais, provas finais do 3.º ciclo ou nos exames do ensino secundário, podem ficar descansados: seguimos o programa estabelecido, mas sem stresse e sem pressão, e as classificações são muito mais altas do que as da média nacional.»



Nicole lamenta, porém, que os professores do ensino público não se sintam motivados para aplicar as pedagogias ativas: «Haveria tanto a ganhar pelos alunos e pelos professores se se pudessem pôr em prática, em sala de aula, determinadas técnicas destas pedagogias que deram provas de eficácia tanto intelectual como afetiva. Mas talvez um dia isso aconteça, não vale a pena desesperar!», termina Nicole com entusiasmo.

